



PAGU: POLÍTICA E PIONEIRISMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS ANOS DE 1930

NATANIA APARECIDA DA SILVA NOGUEIRA*

INTRODUÇÃO

A pesquisa em História das Histórias em Quadrinhos tem ganhado adeptos na última década. Tal fenômeno não é restrito ao Brasil. Existem grupos de pesquisas vinculados a centros universitários em vários países como, por exemplo, Argentina, França, Suíça, Suécia, Portugal e Estados Unidos. Como fonte histórica, os quadrinhos têm suprido a carência gerada por fontes tradicionalmente utilizadas pelos historiadores e despertando o interesse pelo passado ao criar uma necessidade de reflexão sobre representações contidas nas imagens sequenciais.

Os quadrinhos, enquanto fonte histórica, adentram ao campo do estudo das imagens. A narrativa dos quadrinhos é rica em representações cuja interpretação nos permite analisar o contexto histórico da sua produção. Não obstante, a imagem foi por muito tempo considerada uma forma universal de comunicação, seja ela uma pintura, uma fotografia, uma charge ou uma história em quadrinhos, uma vez que pode dispensar as palavras.

Elas, assim como o texto escrito, possuem um discurso e todo discurso possui uma ideologia. Segundo Peter Burke (2017: 51), “imagens podem auxiliar a posteridade a se sintonizar com a sensibilidade coletiva de um período passado”. Histórias em Quadrinhos transbordam de ideias produzidas através de uma *práxis* que oferece interpretações do mundo a partir do olhar de quem as produz e de quem as consome. Segundo Jörn Rüsen, essas ideias organizam a interpretação que as pessoas têm do mundo e de si mesmas (RÜSEN, 2001:21).

As mulheres, enquanto autoras, podem encontrar nas Histórias em Quadrinhos, assim como na literatura, uma forma de autoexpressão em que elas transferem para seus personagens a sua própria vivência. Encontraremos nos quadrinhos de Patrícia Galvão, a Pagu, um pouco do que era ser feminista, ser libertária e ser mulher nos anos de 1930. Nos quadrinhos de Pagu, pretendemos identificar as ideias e representações contidas nas oito tiras

* Rede Municipal de Ensino de Leopoldina (MG), Associação de Pesquisadores em Arte sequencial (ASPAS), Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Niterói (RJ), Mestra em História do Brasil.

que ela publicou no jornal “O Homem do Povo”, em 1931, estabelecendo um paralelo entre elas, o contexto histórico em que foram produzidas e a própria vivência da autora.

1. Um pouco de “Pagu”

Das muitas personagens femininas ligadas às artes e à literatura brasileiras, o nome de Patrícia Galvão, a “Pagu”, talvez seja o que mais se sustentou dentro da História do Brasil, pois sua memória e história foram constantemente revisitadas durante todo o século XX. Nascida em 08 de junho de 1910, Patrícia Galvão foi uma mulher além de seu tempo, destacando-se como romancista, poetisa, jornalista, ativista política e como pioneira nas histórias em quadrinhos. Usou muitos pseudônimos (Solange Sohl, Zanza, Pat, Patsy, Pt., Ariel, P.G., Mara Lobo, K.B.Luda, Irmã Paula, G. Lea, Leonnie, Gim, Brequinha, Peste, Cobra, King Shelter), mas aquele que a imortalizou foi o de Pagu, apelido que recebeu do poeta Raul Bopp, que a ela dedicou uma de suas poesias, “Coco” (1928).

Coco
Pagu tem os olhos moles
Uns olhos de fazer doer
Bate – coco quando passa
Coração pega a bater

Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer

Passa e me puxa com os olhos
provocantíssimamente
Mexe – mexe bomboleia
pra mexer com toda gente

Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer

Toda gente fica olhando
Seu corpinho de vai-e-vem
Umbilical e molengo
De não-sei-o-que-é-que-tem

Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer

Quero porque te quero
Como não hei de querer?
Querzinho de ficar junto
que é bom de fazer doer

Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer (CAMPOS, 1982:39).

Aos 18 anos de idade, Pagu se envolveu em um dos movimentos culturais mais significativos do século XX no Brasil, o Movimento Modernista, iniciado nos anos de 1920 e que se prolongou até a década de 1940. Esse movimento cultural teve como marco a Semana da Arte Moderna, em 1922, realizada em São Paulo. O modernismo propunha uma mudança estética nas artes e na literatura, como uma forma de romper com a tradição colonialista e oligárquica do país. Buscava-se na cultura popular a identidade nacional. Para os modernistas, era necessário valorizar a multiplicidade étnico-cultural do país. Os modernistas valorizavam a língua falada, uma escrita mais simples e ligada a uma tradição nacionalista.

Num ambiente onde a palavra de ordem era combater, destruir a trivialidade e fazer arte, Pagu e os ovos amigos modernistas liam e discutiam a vorá dos novos autores. No solar da Alameda Barão de Paranapiacaba, o casal Tarsília do Amaral e Oswald de Andrade promovia a roda literárias dos modernistas que acolhia grupos d amigos de várias localidades do País para intensos debates (COSTA, 2008:64).

Foram publicados manifestos, surgiram jornais, revistas. Era o nascimento de um Brasil contestador, que impactou a sociedade, a cultura e a política brasileiras. O país vivia um momento de agitação, com a crescente contestação ao governo comandado pelas grandes oligarquias agrárias, pelo fortalecimento do movimento sindical e de correntes políticas que exigiam ampla participação popular na política nacional. O ano de 1922 foi marcado, também, pela fundação do Partido Comunista.

Pagu participou da segunda fase do movimento modernista, colaborando com a Revista de Antropofagia fundada por um grupo de modernistas dissidentes, formado por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Raul Bopp, Oswald Costa, Geraldo Ferraz e Fernando Mendes de Almeida (FURLANI, 1999: 18).

O modernismo marcou a história da nossa literatura pelo seu caráter contestador, polêmico, que teve em Pagu uma musa, uma artista empenhada na pesquisa estética e uma crítica feroz da devesa das revoluções subjacentes ao espírito desta. Mulher de beleza provocante, sensualidade incomum no modo como se enfeitava, seu comportamento era um choque para a São Paulo provinciana do início do século (CAIXETA 2004: 60)

Esse grupo havia aderido a uma linguagem experimental, marcada pela contestação, inspirada no surrealismo. Pagu colaborava com a ilustração da revista, ao lado de artistas como Di Cavalcante (MENEZES, 2011:14). Escreveu poemas ilustrados que anos mais tarde foram publicados. Encontrou no desenho e na escrita formas de expressar suas ideias e suas

emoções. Ela se tornou aprendiz de dois nomes importantes do modernismo brasileiro, nas artes e na literatura, Tarsília do Amaral e Oswald de Andrade.

Oswald de Andrade foi um dos escritores mais importantes do modernismo brasileiro e um dos fundadores do movimento modernista. Sua crença na liberdade na construção do texto e a ruptura com a formalidade influenciaram Pagu em seus escritos. Na época em que conheceu Pagu, mantinha um relacionamento amoroso com a celebrada pintora modernista Tarsila do Amaral.

Tarsília foi outra referência para Pagu, que aos 18 anos encontrou no desenho uma das suas primeiras formas de expressão artística. Seus desenhos, livres dos padrões estéticos da época, lembram o traço de Tarsília. Mas Pagu tinha características próprias que tornaram sua produção única. Mas a parceria com a pintora duraria pouco tempo. Tarsília encerra seu namoro com Oswald ao descobrir que ele estava tendo um caso com a jovem Pagu.

Os desenhos de Pagu, assim como todo o montante da sua obra, caracterizavam-se pela liberdade estética. Entre 1929 e 1931, ela utilizou do desenho como uma das suas primeiras formas de expressão. Seus poemas eram acompanhados de ilustrações que, segundo Maryllu de Oliveira Caixeta, “se assemelham a rabiscos infantis aliados à plasticidade dos mesmos” (2004:63). As ilustrações revelavam a Pagu que amava seus gatos, a mulher apaixonada e sonhadora, a jovem modernista rebelde. Seus quadrinhos e suas charges mostram a jovem militante que procura no movimento comunista um ideal de justiça que atendesse a todos, homens e mulheres.

2. Pagu e a vanguarda dos quadrinhos feministas brasileiros

Da união com Oswald de Andrade nasceu o jornal “O Homem do Povo”, em 1931, em que Pagu publicou o que podem ser os primeiros quadrinhos feitos por uma mulher no Brasil, a tira “Malakabeça, Fanika e Kabelluda”. As oito tiras produzidas por Pagu, em 1931, são os únicos quadrinhos feitos por uma mulher, no Brasil, identificados até o momento. Até então as mulheres, em terras brasileiras, haviam se destacado apenas na charge e na caricatura, como foi o caso de Nair de Teffé, duas décadas antes, e Hilde Weber, contemporânea de Pagu.

Em seus quadrinhos, Pagu trouxe dois tipos de representações: a da esposa cordada e obediente, que recebe em sua casa a sobrinha pobre, uma jovem contestadora e fora dos padrões convencionais, como era a própria Pagu. Logo na primeira tira, Kabelluda, a sobrinha

é apresentada para o público como um “pomo de discórdia” para o casamento dos tios. A tia, Fanika, tinha ciúmes da moça enquanto o tio Malakabeça lhe fazia todas as vontades.

m a l a k a b e ç a f a n i k a e k a b e l l u d



- Malakabeça e Fanika era um casal sem filhos/ - A cegonha lhes trouxe uma sobrinha pobre – Kbelluda/ - Foi o Pomo de discórdia/ - e o consolo de Malakabeça. – (O Homem do Povo. São Paulo, 28 de março de 1931, n. 02, p.06).

As Histórias em Quadrinhos de Pagu, assim como seus romances e outros escritos, trazem uma parte da própria vivência de Pagu, podendo ser considerados autobiográficos. Em seus quadrinhos, ela denuncia a violência contra as mulheres de seu tempo. Elas são censuradas, agredidas e submetidas a humilhações quando se comportam fora dos padrões impostos pela sociedade. Kbelluda representa a própria Pagu, que não se submete. Sua tia Fanika é, ao contrário, moralista. Ela não aceita Kbelluda e representa o machismo incutido nas próprias mulheres.

Em uma das tiras de Pagu a aventureira Kbelluda foge de casa para ir conhecer Portugal. Meses depois, ela retorna com uma filha, “Kbelludinha”. Sua tia, Fanika, mata a criança: “Fanika moralista estragou porque Kbelluda era solteira.” Uma referência à prática do aborto imposto pela família a moças que engravidavam fora do casamento.



- Kabelluda fugiu para Portugal/- Os portugueses sentiram o cheirinho e deram em cima/Kabelluda voltou com Kabelludinha para o gozo de Malakabeça/Fanika moralista estragou porque Kabelluda era solteira. (O Homem do Povo. São Paulo, 07 de abril de 1931, n. 06, p.06).

Seus quadrinhos e charges deixavam claros os seus posicionamentos ideológicos. Ela fez críticas à Igreja Católica, ao sistema de ensino e, principalmente, à censura. Escreveu no jornal uma dura crítica à repressão sexual por parte da Igreja Católica, e não parou por aí. Em uma charge, ela ironiza o fato de que apenas os padres podem ministrar educação sexual para as moças, segundo determinação do próprio Vaticano.



O vaticano proibiu aos pais e professores a explicação de assuntos íntimos que só competem ao sacerdote.
 - Minha filha, o Papa disse que só o padre pode ministrar educação sexual às crianças. (O Homem do Povo. São Paulo, 28 de março de 1931, n. 02, p.01).

Na primeira tira publicada no Jornal, ela convenceu o tio a abrir um jornal voltado para os interesses do povo. Uma referência direta ao “Homem do Povo”, um jornal comunista. Na tira, o jornal faz um grande sucesso, mas é fechado. Kabelluda e Malakabeça aparecem indo para Fernando de Noronha. Naquela época, Fernando de Noronha era uma prisão, fundada em 1737, que ficou em atividade até 1942. Por determinação de Getúlio Vargas, em 1938, tornou-se uma prisão política para onde foram enviados vários opositores da ditadura varguista.

Curiosamente, a primeira tira publicada por Pagu revelaria o futuro do jornal “O Homem do Povo”, que teve apenas oito edições, de março a abril de 1931, antes de ser empastelado por estudantes da Faculdade de Direito do Largo do Machado. Os estudantes sentiram-se ofendidos por comentários feitos por Oswald de Andrade. Tanto ele quanto Pagu sofreram, na ocasião, uma tentativa de linchamento, noticiada em vários jornais. Interessante

notar que os estudantes ofendidos foram considerados pela mídia tradicional como as vítimas do incidente.



- Kbelluda resolveu fundar um jornal do povo/ - incitou Malakabeça a organizar uma grande empresa/ - O jornal fez enorme sucesso/ - o jornal fechou (O Homem do Povo. São Paulo, 27 de março de 1931, n. 01, p.05).

Em “O Homem do Povo”, além de fazer charges e quadrinhos, Pagu também possuía uma assinatura de uma coluna feminista, “A Mulher do Povo”. Nela, publicava textos em que, muitas vezes, ironizava os valores tradicionais e a hipocrisia das mulheres e da sociedade paulistana. Ela convoca as mulheres a romperem com as amarras do tradicionalismo. Sobre a coluna “A Mulher do Povo”, Aurora Cardoso de Quadros escreveu “Nota-se, acima de tudo, uma intimação feita à mulher para que saísse do papel de inferioridade social que ocupava então, sem direitos civis iguais, e assumia no país um papel ativo de pensamento agressivo e pela prática política” (2009:31). Em suas tiras, Pagu deixa clara a necessidade de maior participação política das mulheres.



Kbelluda fez um meeting comunista/ - Foi presa/ - Fusilada/ No terceiro dia ressurgiu dos mortos. (O Homem do Povo. São Paulo, 02 de abril de 1931, n. 04, p.06).

Em algumas de suas tiras, Kabelluda foi brutalizada e presa, antecipando aquele que seria o futuro de Patrícia Galvão. Pagu foi presa 23 vezes, principalmente por sua militância no Partido Comunista. Sua primeira prisão ocorreu em 23 de agosto de 1931, na cidade de Santos (SP), ao participar de um comício. Durante o protesto, Pagu tentou socorrer um estivador negro, fuzilado pela polícia, diante dos filhos. Era a primeira vez que uma mulher havia sido presa no Brasil, por motivos políticos. Ela foi levada para o cárcere na Praça dos Andradas, cadeia que atualmente abriga um centro cultural que leva o seu nome.

Uma dessas prisões, em 1936, foi justamente por panfletagem. Ela foi processada por ser comunista, presa em flagrante por distribuir folhetins comunistas, usando o pseudônimo de Paula. Juntamente com ela, foram processadas mais 38 pessoas, por atividades comunistas. *O Jornal Correio Paulistano*, *Orgam do Partido Republicano Paulista*, acompanhou todo o processo, iniciado no início de 1836 e que se estendeu até 1938. Pagu teve por várias vezes seus recursos negados e à acusação original foram somadas outras.

Tanto em sua coluna quanto em suas tiras, Pagu satirizou a visita de Edward, príncipe de Gales, herdeiro do trono britânico, ao Brasil, em fins de março de 1931. Pagu demonstrou todo seu desgosto pela atenção que o herdeiro britânico recebeu do governo de Getúlio Vargas e pelo deslumbramento que o príncipe despertou nas jovens brasileiras. Numa de suas tiras, ela mostra Kabelluda ansiosa pela chegada do príncipe e no final desiludida aos conhecer os posicionamentos políticos dele.

Primeiro como feminista, depois como comunista, Pagu criticou duramente a desigualdade, tanto econômica quando de gênero. Em seu romance, *Parque Industrial*, escrito quando ela tinha apenas 22 anos de idade, denunciou as condições desumanas de trabalho dos operários paulistas, da mesma forma que expõe os constrangimentos e violências aos quais as mulheres operárias eram submetidas.

Em Parque Industrial, Patrícia Galvão traça o perfil de uma sociedade proletária, focando especialmente na figura feminina, a mulher operária em um recorte histórico marcado pelo desenvolvimento da indústria da cidade de São Paulo. Opressão, preconceito e injustiça são delineados na obra autointitulada “romance proletário”. Pontuação frenética, parágrafos curtos, sucessões súbitas de cenários. À semelhança de uma fábrica, a dinâmica do dia a dia de um bairro proletário, que corre atrás a cada dia da sobrevivência. (SOUZA, 2012:05).

Mas tanto como feminista quanto como comunista, Pagu era incompreendida pelas próprias mulheres, que reproduziam os valores patriarcais e machistas da sociedade. Segundo Joan Scott (1989), o gênero é um saber, uma percepção sobre as diferenças sexuais, é uma

relação de poder que vai muito além da questão biológica (o sexo), alicerçada em hierarquias sociais, valores culturais, em símbolos e significados. Como categoria, o gênero é uma construção, um universo simbólico a partir do qual definimos a forma como vamos enxergar a nós mesmos (as) e a realidade em que vivemos.

Para a maioria das mulheres, bombardeadas desde bem cedo pelos valores patriarcais, ser mulher estava muito mais ligado à aceitação dos valores masculinos do que à construção de uma identidade feminina. As mulheres eram representadas como dóceis e cordatas, prontas a se sacrificarem pela família e pelos homens. Mulheres rebeldes, que fugiam das normas convencionais, eram rejeitadas por outras mulheres, incapazes de enxergar uma realidade que não fosse aquela construída pelo patriarcado. Em uma carta enviada à “Camarada Pagu”, em 14 de abril de 1931, e reproduzida no Facsimilar de O Homem do Povo, a leitora Walkiria de Souza escreve:

Camarada Pagu

Não gosto que você esteja a bulir toda gente, mormente com as moças estudantes. Tenho uma filha na Escola Normal à qual eu estava ensinando a ser antirreligiosa e comunista conforme os ensinamentos do Homem do Povo. Mas desde que você buliu com as moças, fico perguntando se vale a pena ser antirreligiosa dessa forma?

Que messe de frutos na propaganda comunista não colheria o Homem do Povo, se usasse de outra linguagem e outros modos para bulir com quem merece, inclusive os padres (1984:53)

Na mesma carta, a leitora elogia o jornal e cita textos escritos por comunistas homens. Ela desqualifica Pagu e frente aos seus pares do sexo masculino. A forma direta, e por vezes agressiva com que Pagu se dirigia a outras mulheres, em sua coluna “A Mulher do Povo” e em seus quadrinhos e charges, suas críticas aos costumes e mesmo seu estilo de vida considerado escandaloso para a época, faziam dela uma figura nem sempre “bem quista” dentro do partido e por outras mulheres. A Pagu feminista e comunista assuntava pela ousadia e pela forma apaixonada como abraçava suas causas e pelos limites morais que ultrapassava em nome delas.

Considerações finais

Pagu “lutou pela liberdade estética nas suas experimentações formais; uma jornalista que se embrenhou pelo jornalismo cultural, visando tratar do universo do teatro, das artes e das letras, fiel ao espírito da vanguarda antropofágica” (FLORES, 2010:127). Tanta dedicação

ao ideal artístico e cultural tornou Pagu, também, uma das suas mais contundentes críticas quando, anos depois, acusou alguns modernistas de desviarem dos objetivos iniciais do movimento.

Pagu já foi tema de música, sua vida tornou-se documentário, filme e peça de teatro. Sobre ela, já foram feitos colóquios e exposições. No meio acadêmico, podemos encontrar com facilidade teses, dissertações e artigos que falam da sua vida e da sua obra. Há uma revista acadêmica que leva seu nome, os “Cadernos Pagu”. Mas a Pagu quadrinista, esta ainda está se revelando. Isso se deve, a princípio, ao maior interesse que as histórias em quadrinhos têm despertado no meio acadêmico nos últimos anos e pelo crescente aumento da participação feminina na produção de quadrinhos no Brasil. Pagu ressurgiu como uma referência para jovens quadrinistas, especialmente aquelas que utilizam os quadrinhos como forma de se expressar politicamente.

Pagu levou o Movimento Modernista para as histórias em quadrinhos e utilizou a narrativa dos quadrinhos para fazer duras críticas à sociedade. Ela não foi a primeira, Angelo Agostini utilizou Histórias em Quadrinhos para denunciar a violência nas eleições do Império e os graves problemas econômicos e sociais da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo. Mas Pagu foi nossa a primeira mulher, até onde se sabe, a usar os quadrinhos de forma tão politizada. Ela criou os primeiros quadrinhos feministas do Brasil.

Os quadrinhos Pagu ressurgiram num novo momento para o feminismo brasileiro, em que os meios de comunicação migram para o espaço digital, em que a circulação de ideias e informações avançam a passos largos e não mais se limitam a livros e jornais. Em 2016, 106 anos após seu nascimento, a memória de Pagu, a relevância do seu trabalho e sua militância fizeram com que ela fosse homenageada no dia Internacional da Mulher, quando a *Social Comics*, maior site de streaming de HQs da América Latina, anunciou a criação do selo *Pagu Comics*, com o objetivo de destacar o trabalho das mulheres no mercado de quadrinhos brasileiro. As publicações que serão lançadas pelo selo contarão exclusivamente com histórias em quadrinhos nacionais feitas por mulheres. A iniciativa tem como objetivo fomentar a produção dessas mulheres no mercado de Histórias em Quadrinhos.

Referências

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo*. Março/abril, 1931. *Facsimilar com introdução de Augusto de Campos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1984.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CAMPOS, Augusto. *Pagu. Vida e Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAIXETA, Maryllu de Oliveira. *Pagu: “gata safada e corriqueira”*. *Letras & Letras*, Uberlândia, n.20, p 59-67, 2004. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25165>>, acesso em 24 fev. 2017.

COSTA, Márcia Rodrigues da. *Jornalismo Cultural: a produção de Patrícia Galvão no jornal A Tribuna*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2018.

ESCRITORA Pagú requer sua liberdade por conclusão de pena. *Correio Paulistano, Organ do Partido Republicano Paulista*. São Paulo, 10 de fevereiro de 1938, n. 24.812, p.2, ano LXXXIV.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Dizer a infelicidade*. *Gênero*: Niterói, v. 10, n. 2, p. 125-150, 2010 125- 150. Disponível em:
<<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/21>>, acesso em 24 fev. 2017.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. *Croquis de Pagu - e outros momentos felizes que foram devorados reunidos*. – Santos (SP): UNISANTA; São Paulo: Cortez, 2004.

-----*Pagu - Patrícia Galvão: livre na imaginação, no espaço e no tempo*. - Santos (SP): UNISANTA, 1999.

GALVÃO. *Correio Paulistano, Organ do Partido Republicano Paulista*. São Paulo, 8 de fevereiro de 1936, p. 03, 24.506, ano LXXXII.

MENEZES, Ludimila Moreira. *Entreatos de uma vida não fascista: as múltiplas faces de Patrícia Galvão*. Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Literatura do departamento de Teoria literária da Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

“PAGU” foi condenada a dois annos e meio de prisão. *Correio Paulistano, Organ do Partido Republicano Paulista*. São Paulo, 02 de fevereiro de 1937, n. 24.812, p.16, ano LXXXIII.

QUADROS, Aurora Cardoso de. *Oswald de Andrade no Jornal o Homem do Povo*. Tese apresentada ao programa de Pós Graduação em Teoria Literária e Literatura comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001, 194p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica (1989). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf, acesso em 27 mai. 2017.

SOUSA Luciana Oliveira de. Parque Industrial – a literatura feminina engajada de Patrícia Galvão/Pagu. *Revista dEsEnrEdoS* - ano IV - número 13 - Teresina - Piauí – Abril/Maio/Junho de 2012. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/13_-_artigo_-_Luciana_Oliveira.pdf> , acesso em 22 fev. 2017.

TRIBUNAL de Segurança Nacional. *Correio Paulistano, Orgam do Partido Republicano Paulista*. São Paulo, 07 de agosto de 1938, n. 25.280, p.16, ano LXXXIV.